



4126 - Trabalho Completo - XXIV Encontro de Pesquisa Educacional do Nordeste - Reunião Científica Regional da ANPEd (2018)
GT06 - Educação Popular

Educação Popular e Auto-organização como sementes e frutos da construção da Escola no processo de luta pela terra em Limeira-SP
Tessy Priscila Pavan de Paula Rodrigues - UFPB - Universidade Federal da Paraíba
Agência e/ou Instituição Financiadora: CAPES

Este resumo expandido busca compartilhar os achados da pesquisa realizada no âmbito de mestrado que buscou compreender as relações sociais mais determinantes que possibilitaram a construção de uma escola no acampamento Elizabeth Teixeira (ET) localizado em Limeira-SP, organizado pelo Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) em 2007, a partir do encontro entre três sujeitos coletivos: o MST, o coletivo de educadores populares Universidade Popular (UP) e os viventes do acampamento.

Palavras-chave: Educação Popular, Auto-organização, Acampamento

EDUCAÇÃO POPULAR E AUTO-ORGANIZAÇÃO COMO SEMENTES E FRUTOS DA CONSTRUÇÃO DA ESCOLA NO PROCESSO DE LUTA PELA TERRA EM LIMEIRA-SP

Introdução

Este resumo expandido busca compartilhar os achados da pesquisa realizada no âmbito de mestrado que buscou compreender as relações sociais mais determinantes que possibilitaram a construção de uma escola no acampamento Elizabeth Teixeira (ET) localizado em Limeira-SP, organizado pelo Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) em 2007, a partir do encontro entre três sujeitos coletivos: o MST, o coletivo de educadores populares Universidade Popular (UP) e os viventes do acampamento.

Os objetivos da pesquisa foram: identificar princípios da educação popular no processo de construção da escolinha do acampamento, analisar de que maneira os princípios pedagógicos do MST estão presentes nesse processo específico e elaborar uma reflexão sobre o momento atual da Educação do Campo a partir da experiência de uma escola construída sem o reconhecimento do Estado.

Para alcançar tais objetivos, percorri um caminho metodológico que me forneceram bases para organizar relatos de arquivos virtuais, vídeos, pesquisa bibliográfica, trabalho de campo e produção teórica na busca por compreender meandros do acampamento Elizabeth Teixeira. Para tal fez-se necessário olhar para a escola como uma síntese de complexas relações políticas e pedagógicas vividas durante as lutas enfrentadas pela referida comunidade.

Como ensaiar instrumentos metodológicos também é parte constitutiva na construção do conhecimento científico, aos encontros realizados com os sujeitos durante a pesquisa, nomeei de Círculos de Memória Investigativos. Nesse processo o escopo teórico dos Círculos de Cultura freiriano foi mantido, destacando-se o conceito de diálogo e transformação social, mas acrescentando-se também a finalidade de produção acadêmica, explicitada de antemão aos sujeitos, a ser gerada a partir destes encontros. Através do cultivo da memória busquei responder os objetivos que a pesquisa pretendeu alcançar, e gerar novas perguntas sobre a escola.

Destaco ainda que metodologicamente o trabalho recebeu influências da Sistematização de Experiências (HOLLIDAY, 1996), da Pesquisa-Ação (THIOLLENT, 1998) e da Pesquisa Participante (BRANDÃO, 1984). A pesquisa também teve inspiração freiriana. Por diversas vezes, Freire anunciou sua maneira de praticar teoria, afirmando: "meus livros são relatórios do que eu fiz e não conjecturas. Eu sempre relato a minha prática e isso é um livro" (VANNUCCHI e SANTOS, 1983, p.51). Assim, a dissertação não deixou de ser também um relatório teórico, certamente incompleto, como forma de contribuição à luta das acampadas e acampados do Elizabeth Teixeira.

Desenvolvimento

Para chegar ao processo de construção da escola do acampamento, necessitei inicialmente pesquisar algumas forças políticas que influenciam na disputa pela terra empreendida pela comunidade, evidenciando os interesses fundiários rurais e urbanos e o projeto concebido pelo Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra de implementação de uma Comuna da Terra. Assim, constatei o usucapão do capital contra a propriedade social da terra, referendado por uma violenta reintegração de posse sofrida em 2007. Após a reocupação da área pelas famílias sem terra, uma disputa político-judicial que se arrasta dez anos, empurra cerca de cem famílias ao limbo jurídico e instabilidade permanente.

O caso do acampamento ET demonstra, ainda que em nível federal sejam adotadas medidas no sentido de se cumprir a função social da terra, explícita na constituição do país, em outros níveis (estadual ou municipal) podem ser tomadas medidas em sentido antagônico, demonstrando as contradições internas do Estado e priorização dos interesses particulares de grupos para os quais a terra é uma mercadoria.

Também precisei entrar na intimidade do acampamento a fim de aventar alguns aspectos do cotidiano das famílias, como a organização do tempo e trabalho, a precariedade estrutural e a relação com a tecnologia, a religiosidade, a mística, e a solidariedade sem os quais a tentativa de compreender a formação de uma lógica organizativa própria e suas mediações, se comprometeria.

Somente então pude observar o que havia nos alicerces da escola em termos teóricos e práticos que possibilitaram sua formação. Os conceitos de Educação Popular e Auto-organização revelaram-se fundamentais, sobre os quais apresentei uma reflexão considerando algumas influências que o acampamento recebeu, sobretudo a partir da pedagogia do MST e do coletivo de educadores Universidade

Popular.

A demanda dos acampados e acampadas por EJA e os círculos de cultura fomentados pelo UP ao longo de seis anos (ainda que com algumas descontinuidades ou pausas) foram os principais animadores da ideia da construção da escola. Constatei que o espaço foi construído *principalmente* a partir, por e para adultos.

A maneira como a escola foi construída foi o tema do terceiro capítulo da dissertação. Trabalhei algumas características sobre os sujeitos que participaram do processo, destacando a trajetória de migração dos sujeitos e o papel desempenhado pelas mulheres como os mais elucidativos para compreender como se construíram as relações sociais naquele meio popular.

A busca por financiamento, o regime de trabalho escolhido, o histórico de migração dos sujeitos, as relações de gênero ali presentes, bem como alguns critérios por eles pensados para a escolha do nome da escola revelaram como a auto-organização e processos animados sob princípios da educação popular tornaram-se mais que conceitos disparadores. Foram recriados como expressão vital do próprio acampamento, tornando a escola não mais um espaço exclusivo para EJA, mas um ponto de aglutinação de forças que contribuem para a costura do tecido social da comunidade.

A auto-organização que o MST ressignifica, a partir da pedagogia socialista elaborada no período revolucionário da ex-União Soviética, a maneira de se organizar do UP influenciada por princípios do autonomismo, no encontro com o povo do acampamento, durante a construção da escola, resultou em uma síntese própria produzida por três sujeitos coletivos: o MST, o UP e o acampamento ET, em *mutirão*.

A forma-conteúdo do trabalho praticado nos mutirões de construção da escola e o consenso possível entre os sujeitos com diferentes experiências de vida (e de trabalho) e influências teóricas sobre o nome pelo qual chamam esse jeito de trabalhar mostrou que é a palavra mutirão que aparece enterrada nas consciências, nas memórias de tempos em tempos. A pesquisa mostrou que o jeito de se organizar do acampamento carrega a herança da maneira popular de trabalhar presente nas diversas matrizes formativas do povo brasileiro.

Percorrer este caminho de pesquisa revelou que a experiência local estudada apresenta conexão com as tendências férteis para o fortalecimento da Educação do Campo em âmbito mais geral, sobretudo a partir do II Encontro Nacional das Educadoras e Educadores da Reforma Agrária (ENERA) em 2015, na medida em que na ocasião, a Educação Popular e Pública são cravadas como dimensões inegociáveis e como pauta de luta. Além disso, identifiquei que o elemento da auto-organização presente desde a base da escola estudada está se mostrando essencial para a defesa da escola pública também nos espaços urbanos, através de um recente movimento de ocupação de escolas realizado por estudantes, disparado em 2015 pela ameaça de fechamento de escolas, em nome de grandes interesses não negociados com os estudantes e professores.

A auto-organização dos estudantes para o MST é um princípio fundamental nas escolas do campo onde o MST é força determinante na construção e implementação do Projeto Político Pedagógico, princípio este herdado principalmente da Pedagogia Socialista Russa, desenvolvida por Pistrak, Shulgin, entre outros formuladores.

O processo estudado possibilitou uma chave interpretativa que compreende o público como 'o que é de todo o povo', e que não deve ser confundido com estatal ou como Estado-Educador. A reflexão torna-se importante sobretudo em tempos de "Pátria-Educadora", lema do governo federal brasileiro quando a pesquisa foi realizada.

Quando concordamos com a ideia de que o 'Estado deve educar o povo', concordamos também com a ideia de que hoje é o capital, através de fundações e institutos controlados por grandes corporações e suas agendas, que estão educando o povo. Este trabalho identificou pesquisas atuais que concluem que a agenda do capital para a educação foi incorporada pelo Estado. Quando dizemos que a pátria educa, deixamos de dizer burguesia, empresas, ou seja, existe um 'refinamento' no discurso e na mediação com muita eficácia ideológica. As fundações e institutos não assumem sua vinculação direta com a formação para mão de obra das empresas e principalmente para o exército industrial de reserva. Empresas com relações conflituosas nos territórios camponeses (como a Vale do Rio Doce) têm investido no 'negócio educacional' a fim de amenizar conflitos e aparentar 'responsabilidade social', com amplo apoio, financiamento e reconhecimento do Estado.

O processo estudado revelou também que as acampadas e acampados do ET educaram os 'meninos e meninas' da Universidade, no sentido de que os mesmos atingissem uma 'maioridade' política, para além do assistencialismo, dos que iam 'levar conhecimento'. A construção da escola, que começa em suas primeiras formas, no ano de 2008, possibilitou que se unissem em torno de um objetivo (reforma agrária em nível macro, fazer a escola em nível local) experiência e consciência de classe.

Essa forte aliança se concretizou porque foi erguida sobre os princípios da Educação Popular. Assim, esse estudo contribuiu para que pensemos na atualidade da EP, cinquenta anos após Paulo Freire escrever a Pedagogia do Oprimido. Como retomar essa leitura? Quais elementos contribuem para pensarmos no hoje?

Um aspecto que considero crucial na educação popular vivida no acampamento ET e que está explícito no texto de Freire é a necessidade de estar próximo, de criar vinculações concretas, é o 'corpo-a-corpo'. O estudo constatou a importância do *corpo* presente, inteiro, *consciente* e em movimento para que possamos aprender a compreender inclusive os silêncios dos sujeitos e para que processos dessa natureza sejam fomentados.

Conclusão

O estudo revelou que a escola, (ou escolinha, como os sujeitos nomeiam), é um ponto de aglutinação de forças para manter a vitalidade do acampamento. Ao evidenciar alguns caminhos percorridos, a partir de decisões coletivas tomadas para enfrentar as contingências surgidas no processo de construção da mesma, revelou-se a face do popular no processo educativo, reconstruindo o sentido de público em um espaço em que esta não se traduziu em reconhecimento jurídico até o momento.

O acampamento e a escola permanecem vivos, ora esperneiam, ora agonizam. Fissuras e disputas internas também foram identificadas. Em abril de 2016, o Tribunal de Contas da União oficializou o que percebemos a partir de Limeira já estar acontecendo na prática: a paralisação total da Reforma Agrária no país. No dia 17 do mesmo mês, data na qual se completaram 20 anos do massacre de camponeses em Eldorado dos Carajás-PA, o Congresso Brasileiro votou a favor do 'impedimento' da continuidade do mandato da presidente Dilma Rousseff, eleita por voto direto em 2014 pelo Partido dos Trabalhadores.

Se efetivadas as medidas que estão sendo aventadas em relação ao papel do Estado, é possível que o próximo período, empurre com força os sujeitos a vivenciarem situações de 'não reconhecimento' pelo Estado, como a referida escola. Por vias conservadoras, esta experiência pode deixar de ser particular. E ao invés desta escola conquistar finalmente um nome, pode continuar agonizando ou mesmo deixar de existir, com a permissão do estado para o avanço ainda maior do capital no campo, posto que a bancada ruralista propôs

recentemente o resgate das forças armadas para mediar conflitos agrários no país.

Sem saber quais serão os rumos da democracia (burguesa) e das políticas públicas (precarizadas) vigentes no país, ao finalizar esta pesquisa é possível afirmar que: mesmo com todo o esforço coletivo empreendido em nível local, sobretudo em um cenário macro em que as forças conservadoras têm cada vez mais se articulado, é preciso que os princípios pedagógicos verificados neste estudo ganhem escalas maiores para que conquistas políticas concretas se efetivem, como a regularização das terras ou o fim do analfabetismo nos territórios camponeses, por exemplo.

Quando iniciei a pesquisa, estudei sobre processos coletivos vividos por sujeitos que tentaram levantar a cabeça contra as forças conservadoras de seus tempos. E fui descobrindo o quanto a tradição de resistência em nosso continente é generosa. Para começar a escola no acampamento ET, partimos de saberes que estão no presente e também lemos sobre movimentos que aconteceram a mais de cem anos atrás, mas que permanecem vivos. Porque se foi possível concluir algo na pesquisa, reafirmo o que tantos outros já disseram: a história não morre. E sementes das histórias ficam, ainda que por um tempo em silêncio, ao vento. Contudo, a fortuna da semente é brotar em algum chão. Cada tempo e povo têm a sua oportunidade de tentar criar e viver em numa sociedade decente, com as suas condições históricas. Assim, além de uma dissertação de mestrado, ficou o registro de um acampamento onde a semente brotou em um povo, cheio de contradição, mas que anda de cabeça erguida e tem palavra e, sobretudo, ação. É como os moradores e moradoras do acampamento dizem: "*se nós fala que faz, nós faz!*"

Referências

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Repensando a pesquisa participante**. São Paulo: Brasiliense, 1984.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

HOLLIDAY, Oscar. **Para sistematizar experiências**. João Pessoa, Editora Universitária -UFPB, 1996. Disponível em: <http://www.mma.gov.br/estruturas/168/_publicacao/168_publicacao30012009115508.pdf>.

THIOLLENT, Michel J. M. **Metodologia da pesquisa-ação**. São Paulo: Cortez, 1998.

VANNUCCHI, Aldo; SANTOS, Wladimir. **Paulo Freire ao vivo**. São Paulo: Edições Loyola, 1983.